

Redação

Organizadores

Maria Lúcia V. de Oliveira Andrade

Neide Luzia de Rezende

Valdir Heitor Barzotto

Elaborador

Valdir Heitor Barzotto

4

módulo

Nome do Aluno _____

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador: *Geraldo Alckmin*

Secretaria de Estado da Educação de São Paulo

Secretário: *Gabriel Benedito Issac Chalita*

Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas – CENP

Coordenadora: *Sônia Maria Silva*

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: *Adolpho José Melfi*

Pró-Reitora de Graduação

Sônia Teresinha de Sousa Penin

Pró-Reitor de Cultura e Extensão Universitária

Adilson Avansi Abreu

FUNDAÇÃO DE APOIO À FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAFE

Presidente do Conselho Curador: *Selma Garrido Pimenta*

Diretoria Administrativa: *Anna Maria Pessoa de Carvalho*

Diretoria Financeira: *Sílvia Luzia Frateschi Trivelato*

PROGRAMA PRÓ-UNIVERSITÁRIO

Coordenadora Geral: *Eleny Mitrulis*

Vice-coordenadora Geral: *Sônia Maria Vanzella Castellar*

Coordenadora Pedagógica: *Helena Coharik Chamlian*

Coordenadores de Área

Biologia:

Paulo Takeo Sano – Lyria Mori

Física:

Maurício Pietrocola – Nobuko Ueta

Geografia:

Sônia Maria Vanzella Castellar – Elvio Rodrigues Martins

História:

Kátia Maria Abud – Raquel Glezer

Língua Inglesa:

Anna Maria Carmagnani – Walkyria Monte Mór

Língua Portuguesa:

Maria Lúcia Victório de Oliveira Andrade – Neide Luzia de Rezende – Valdir Heitor Barzotto

Matemática:

Antônio Carlos Brolezzi – Elvia Mureb Sallum – Martha S. Monteiro

Química:

Maria Eunice Ribeiro Marcondes – Marcelo Giordan

Produção Editorial

Dreampix Comunicação

Revisão, diagramação, capa e projeto gráfico: *André Jun Nishizawa, Eduardo Higa Sokei, José Muniz Jr. Mariana Pimenta Coan, Mario Guimarães Mucida e Wagner Shimabukuro*

Que Stendhal com
leitores, coisa é que adm
rovavelmente consterna
tores de Stendhal, nem
. De
na qual eu
um Xavier de Maistre
ode ser. Ob
da melanc
o. Ad
uro
anc

Cartas ao Aluno



Carta da

Pró-Reitoria de Graduação

Caro aluno,

Com muita alegria, a Universidade de São Paulo, por meio de seus estudantes e de seus professores, participa dessa parceria com a Secretaria de Estado da Educação, oferecendo a você o que temos de melhor: conhecimento.

Conhecimento é a chave para o desenvolvimento das pessoas e das nações e freqüentar o ensino superior é a maneira mais efetiva de ampliar conhecimentos de forma sistemática e de se preparar para uma profissão.

Ingressar numa universidade de reconhecida qualidade e gratuita é o desejo de tantos jovens como você. Por isso, a USP, assim como outras universidades públicas, possui um vestibular tão concorrido. Para enfrentar tal concorrência, muitos alunos do ensino médio, inclusive os que estudam em escolas particulares de reconhecida qualidade, fazem cursinhos preparatórios, em geral de alto custo e inacessíveis à maioria dos alunos da escola pública.

O presente programa oferece a você a possibilidade de se preparar para enfrentar com melhores condições um vestibular, retomando aspectos fundamentais da programação do ensino médio. Espera-se, também, que essa revisão, orientada por objetivos educacionais, o auxilie a perceber com clareza o desenvolvimento pessoal que adquiriu ao longo da educação básica. Tomar posse da própria formação certamente lhe dará a segurança necessária para enfrentar qualquer situação de vida e de trabalho.

Enfrente com garra esse programa. Os próximos meses, até os exames em novembro, exigirão de sua parte muita disciplina e estudo diário. Os monitores e os professores da USP, em parceria com os professores de sua escola, estão se dedicando muito para ajudá-lo nessa travessia.

Em nome da comunidade USP, desejo-lhe, meu caro aluno, disposição e vigor para o presente desafio.

Sonia Teresinha de Sousa Penin.

Pró-Reitora de Graduação.

Carta da

Secretaria de Estado da Educação

Caro aluno,

Com a efetiva expansão e a crescente melhoria do ensino médio estadual, os desafios vivenciados por todos os jovens matriculados nas escolas da rede estadual de ensino, no momento de ingressar nas universidades públicas, vêm se inserindo, ao longo dos anos, num contexto aparentemente contraditório.

Se de um lado nota-se um gradual aumento no percentual dos jovens aprovados nos exames vestibulares da Fuvest — o que, indubitavelmente, comprova a qualidade dos estudos públicos oferecidos —, de outro mostra quão desiguais têm sido as condições apresentadas pelos alunos ao concluírem a última etapa da educação básica.

Diante dessa realidade, e com o objetivo de assegurar a esses alunos o patamar de formação básica necessário ao restabelecimento da igualdade de direitos demandados pela continuidade de estudos em nível superior, a Secretaria de Estado da Educação assumiu, em 2004, o compromisso de abrir, no programa denominado Pró-Universitário, 5.000 vagas para alunos matriculados na terceira série do curso regular do ensino médio. É uma proposta de trabalho que busca ampliar e diversificar as oportunidades de aprendizagem de novos conhecimentos e conteúdos de modo a instrumentalizar o aluno para uma efetiva inserção no mundo acadêmico. Tal proposta pedagógica buscará contemplar as diferentes disciplinas do currículo do ensino médio mediante material didático especialmente construído para esse fim.

O Programa não só quer encorajar você, aluno da escola pública, a participar do exame seletivo de ingresso no ensino público superior, como espera se constituir em um efetivo canal interativo entre a escola de ensino médio e a universidade. Num processo de contribuições mútuas, rico e diversificado em subsídios, essa parceria poderá, no caso da estadual paulista, contribuir para o aperfeiçoamento de seu currículo, organização e formação de docentes.

Prof. Sonia Maria Silva

Coordenadora da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas

Apresentação da área

Todo o material está pensado para propiciar a você conhecimentos para reconhecer e empregar recursos que conferem qualidades a um texto. Também serão estudadas as estratégias usadas por diferentes autores para escrever, visando indicar ao leitor uma determinada compreensão. Para isso serão feitos diversos exercícios de leitura e análise de textos.

Espera-se que este trabalho proporcione a você condições para lançar mão de estratégias variadas em seus textos para levar o seu leitor à compreensão pretendida. É para este fim que estão programadas as atividades de escrita e reescrita integral ou parcial de textos.

Além dos temas propostos para redação, um estará presente com destaque em todos os módulos. Trata-se de uma discussão sobre as carreiras universitárias que se pode seguir. Este tema visa proporcionar oportunidades para refletir sobre a escolha da profissão, a formação universitária e sua relação com a sociedade. Você poderá contar com seus professores para clarear os modos de trilhar uma carreira, obtendo informações sobre possibilidades de trabalho e de especialização que as escolhas profissionais proporcionam.

Guia de estudos

Caro estudante, vou contar para você um pouco da história recente sobre o ensino de redação na escola. Trata-se de um pouco da história que conheço como professor de Língua Portuguesa.

Meu intuito é oferecer um caminho para você refletir sobre a história recente do ensino de Língua Portuguesa e conhecer um pouco do debate estabelecido em seu interior. Afinal, você participa desta história e precisa compreendê-la, para conhecer melhor a sua própria formação. Além disso, como cidadão, você pode extrair dessa reflexão elementos para contribuir para que outras pessoas possam ter uma boa visão sobre seu papel nos estudos da Língua Portuguesa e compreendam a função da produção de textos na sociedade.

Recomendo que você encare os livros citados aqui como sugestões de leitura. Eles não só são úteis para ajudar a compreender um pouco do que já se discutiu sobre o ensino de Língua Portuguesa, como principalmente contribuem para a aprendizagem da escrita.

Comecei a perceber o debate que se estabelecia na década de 80, quando li um livro de João Wanderley Geraldi, publicado em 1984 e que tem sido desde então muito usado no Brasil, intitulado *O texto na sala de aula*. Neste livro, o autor defendia algumas posições fundamentais sobre o ensino de Língua Portuguesa.

Uma destas posições estava relacionada a uma mudança do eixo central das aulas de Língua Portuguesa, deslocando a gramática e colocando em seu lugar o texto.

Outros autores, em diferentes épocas e com concepções de linguagem diferentes, já insistiram neste assunto. Mais adiante, neste módulo, você lerá um trecho do livro de Othon Moacyr Garcia, chamado *Comunicação em prosa moderna*, que foi publicado em 1967, no qual ele faz uma citação de outro autor, Mário Barreto, que, em 1916, também falava em dar um outro grau de importância ao ensino da gramática no ensino de Língua Portuguesa, colocando-a a serviço do texto.

Como já disse, estes livros podem contribuir para o seu aprendizado da escrita. O livro de Garcia é ainda muito útil neste aspecto. Sugiro que você estude o livro inteiro antes do vestibular.

O objetivo de mostrar a você estas informações é proporcionar um pequeno contato com autores de diferentes momentos da história do ensino da

Organizadores

Maria Lúcia V. de
Oliveira Andrade

Neide Luzia de
Rezende

Valdir Heitor
Barzotto

Elaborador

Valdir Heitor
Barzotto

REDAÇÃO

Língua Portuguesa e orientar seus estudos para eles, pois acredito ser importante para sua formação compreender um pouco a história do ensino desta disciplina que você teve de estudar até agora.

Mário Barreto é do início do século XX, Othon M. Garcia é de meados do século XX e Geraldi é atual. Os três têm em comum um ponto: defenderam um deslocamento da gramática do centro da aula de Língua Portuguesa, sugerindo que o texto tomasse este lugar.

Uma afirmação de Geraldi, publicada em outro livro seu, *Portos de Passagem*, sintetiza a posição de que se deve trabalhar com o texto na aula de Língua Portuguesa: “é porque é no texto que a língua (...) se revela em sua totalidade...” (1991:135).

A defesa de um ensino mais significativo da língua não está circunscrita apenas ao século que acaba de se concluir. Em *Portos de Passagem*, Geraldi cita Rui Barbosa que, em publicação de 1883 (veja sugestão de leitura ao lado), cita um outro autor, chamado Rendu, que escrevia em 1857, sobre tema parecido.

Como já foi dito nos módulos anteriores, sugiro a leitura dos textos que embasam o conhecimento que você está recebendo durante o curso. Além de ter acesso a uma parte do que já se pensou sobre a disciplina, você terá acesso também a textos acadêmicos, a um tipo de escrita específico, ampliando o seu conhecimento sobre as formas como os textos se apresentam ao leitor, em diferentes meios e em diferentes épocas.

BARBOSA, Rui (1883), “Métodos e programa escolar”, in *Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública*. Rio de Janeiro : Ministério da Educação e Saúde, 1946 (Obras Completas de Rui Barbosa, 1883, vol. X, tomo II).

Unidade 1

A natureza da produção escrita: redação ou texto

O assunto iniciado nas orientações fornecidas no Guia de Estudos pode parecer que não dizem respeito a você, mas elas influenciaram a sua vida. Se chegaram até você as idéias sobre a valorização do texto nas aulas, ao invés da gramática, você está concluindo o ensino médio e entrando em um curso superior com um tipo de preparo. Se não chegaram, seu preparo é outro. Você pode ser competente em uma coisa ou outra, mas suas condições para produzir um texto certamente são diferentes.

Pode ser também que o modo como estas discussões chegaram até você não tenham sido suficientes para fazer de você um bom produtor de textos ou um bom conhecedor de gramática. Seja como for, isso deve chamar a sua atenção para o funcionamento das instituições brasileiras, entre elas as que se dedicam ao ensino.

Estas instituições passam freqüentemente por mudanças e todos nós somos, de algum modo, afetados e convocados a tomar uma posição, seja para nos adequarmos às mudanças, seja para interferir nelas.

Aconteceram mudanças no Ensino Médio recentemente; caso você não tenha atentado para isso, ainda é tempo. Muito brevemente, é possível que você entre em contato com as discussões sobre a reforma universitária, seja por estar cursando uma Universidade, seja pela mídia. Então, nada melhor do que se preparar para isso e estar em condições de debater a questão com argumentos consistentes e com conhecimento suficiente.

Sugiro então que você comece consultando o site do Ministério da Educação e Cultura - MEC (www.mec.gov.br). Leia pelo menos dois itens: Legislação de Ensino Médio e Legislação de Ensino Superior.

Após a leitura da legislação indicada, escreva um posicionamento seu sobre o funcionamento da instituição escolar e inclua o que você sabe sobre o ensino de Língua Portuguesa. Faça considerações sobre o modo como as mudanças chegam até o cidadão comum e como ele pode participar deste processo de mudança.

Depois disso, aproveite sua experiência com o site do MEC e leia as Diretrizes Curriculares do curso superior que você pretende fazer. Resuma as diretrizes em uma carta destinada a outro estudante, deixando bem claro do que se trata o curso e qual sua importância para a sociedade.

Veja, agora, o que escrevia Othon M. Garcia em 1967 e, citado por ele, Mário Barreto, em 1916:

Organizadores

Maria Lúcia V. de
Oliveira Andrade

Neide Luzia de
Rezende

Valdir Heitor
Barzotto

Elaborador

Valdir Heitor
Barzotto

“A análise sintática tem sido causa de crônicas e incômodas enxaquecas nos alunos de ginásio. É que muitos professores, por tradição ou comodismo, a que têm transformado no próprio conteúdo do aprendizado da língua, como se aprender português fôsse exclusivamente aprender análise sintática. O que deveria ser um instrumento de trabalho, um meio eficaz de aprendizagem, passou a ser um fim em si mesmo. Ora, ninguém estuda a língua só para saber o nome, quase sempre rebarbativo, de todos os componentes da frase.

Vários autores e mestres têm condenado até mesmo com veemência o abuso no ensino da análise sintática. Não obstante, o assunto continua a ser, salvo as costumeiras excessões, o ‘prato de substância’ da cadeira de Português no curso secundário. Apesar disso, ao chegar ao fim do curso, o estudante, em geral, continua a não saber escrever, mesmo que seja capaz de destrinchar qualquer estrofe camoniana ou qualquer período barroco de Vieira, nomenclaturando devidamente todos os seus termos. Então, ‘pra que análise sintática?’ – perguntam aflitos milhares de ginásianos por êsse Brasil afora.

Já em 1916, ao responder à consulta de um padre pernambucano, Mário Barreto fazia, com a lucidez que lhe era habitual, uma clara censura ao abuso e ao mau aproveitamento da análise lógica:

Leva-me, pois, o senhor padre para essas regiões nevoentas da análise lógica a que tanto gostam de guindar-se os professôres brasileiros. É um dos defeitos do nosso ensino gramatical a importância excessiva que se dá nas classes a isso que se chama análise lógica. Certo que é necessário saberem os alunos o que é um sujeito, um atributo, um complemento; certo que também é bom que êles saibam distinguir proposições principais e subordinadas, e vejam que estas acessórias ou subordinadas não são mais que o desdobramento de um dos membros de outra proposição e se apresentam como equivalentes de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio: proposições substantivas, adjetivas, adverbiais, – nomenclatura que tem a duplicada vantagem de evitar termos novos e de fazer análise. Qualquer outra terminologia que se adote para a classificação das proposições dependentes levanta discussões entre os professôres (...).

Passar daí será nos embrenharmos no intrincado das sutilezas da análise. *A análise lógica pode ser de muito préstimo, se a praticarmos como aprendizado da estilística, como meio de conhecermos a fundo os recursos da linguagem e de nos familiarizarmos com tôdas as suas variedades.*¹

A lição é das melhores e das mais oportunas, apesar de longa; pena é que nem todos a tenham aprendido, principalmente aquela parte contida no último parágrafo, por nós grifado.

Pois bem, êste capítulo sôbre a estrutura da frase, que não visa, de forma alguma, ao ensino da análise sintática ou lógica, embora aí se assentem algumas das suas lições, leva muito em conta a sábia lição de Mário Barreto, por mostrar ‘os recursos da linguagem’, a fim de permitir ao estudante familiarizar-se ‘com todas as variedades’.”

¹ A nota apresentada por Garcia é a seguinte: Factos da Língua Portuguesa. Rio, Organização Simões, 1954, p. 61.

1. Faça um texto explicando a posição de Othon Moacyr Garcia sobre o ensino da Língua Portuguesa.

2. Publicado em 1967, o texto de Garcia obedece às regras de acentuação vigentes antes da reforma ortográfica em 1971. Procure esta lei e explique a acentuação do texto de Othon Garcia.

Com o exercício feito sobre a Instituição Escola, você pode sentir-se mais preparado para escrever sobre outras instituições. Recentemente, devem ter chegado até você notícias sobre as diversas reformas nas instituições. Pois bem, fundamente-se por meio de jornais, revistas, sites e livros sobre as instituições e as reformas, escolha uma instituição e escreva sobre ela.

Voltemos agora ao primeiro trabalho de Geraldi citado aqui, para verificar uma outra contribuição mais específica do autor. Lembre-se, a primeira e mais geral era a defesa de que o centro do trabalho na aula de Língua Portuguesa deveria ser o texto. Para dar os contornos sobre o que seria este trabalho, em 1984, ele faz uma diferenciação entre redação e texto. Esta distinção pode contribuir para que você entenda melhor o que se espera de uma produção escrita.

A noção de redação

O autor chamava de redação aquelas produções destinadas apenas a cumprir uma exigência da escola. Quando um aluno compreende o que está em jogo na sala de aula, é possível que ele passe a cumprir com as regras pertinentes a esse jogo e a marcar pontos à medida que vai avançando na compreensão deste jogo. No tempo em que se ensinava com o auxílio de cartilhas, por exemplo, num dado momento o aluno percebia que se escrevesse imitando o que estava escrito nelas, isso já seria suficiente para obter pelo menos um “muito bem” como avaliação de sua redação.

Quem não foi alfabetizado com cartilha ou não se lembra pode ver abaixo alguns exemplos extraídos da cartilha *Vamos Estudar*, de Theobaldo Miranda Santos, publicada pela Livraria Editora Agir, em 1971:

REDAÇÃO

Eu vi a vovó
A ave vive e voa
A viúva viu a uva

Fifi deu o filó à titia
O bode viu o fubá e bufou
Vovó fiava e via o povo

Sobre o aluno que “entendeu *o jogo da escola*”, Geraldí (1984:123), afirma o que segue:

“seu texto não representa o produto de uma reflexão ou uma tentativa de, usando a modalidade escrita, estabelecer uma interlocução com um leitor possível. Ao contrário, trata-se do preenchimento de um arcabouço ou esquema, baseado em fragmentos de reflexões, observações ou evocações desarticuladas². Ele está devolvendo, por escrito, o que a escola lhe disse, na forma como a escola lhe disse. Anula-se, pois, o sujeito. Nasce *o aluno-função*. Eis a *redação*.”

Mas a que o autor está se referindo quando diz que o texto do aluno não é uma tentativa de estabelecer uma interlocução com um leitor possível?

Significa dizer que o aluno está apenas cumprindo uma tarefa possível no interior da escola, que ele está escrevendo apenas porque a professora mandou que ele escrevesse, sabendo que somente ela será a leitora, mesmo que o aluno não tenha algo a dizer sobre o assunto para ela ou qualquer outro leitor possível.

Um aluno que aprendia na cartilha como a que foi apresentada poderia vir a produzir uma escrita como a que segue:

O boi é bonito.
O boi bebe água no balde.
O boi é do Papai.
Papai deu o boi ao bebê.

Tente transformar este conjunto de frases em um pequeno texto. Procure eliminar as repetições, estabelecer conexões entre as frases e fazer com que se perceba um contexto no qual o seu texto poderia ser produzido:

Retome alguma produção sua, identifique uma seqüência em que seja necessário eliminar repetições ou fazer conexões, e reescreva aqui.

² Neste ponto o autor introduz a seguinte nota. Cfe. Cláudia Lemos. Neste artigo a autora considera e analisa as “estratégias de preenchimento” utilizadas por vestibulandos em suas redações. Geraldí está se referindo ao seguinte trabalho: LEMOS, C. T. G. Redações de vestibular: algumas estratégias. Cadernos de Pesquisa, nº. 23, Fundação Carlos Chagas, SP, 1977.

A noção de texto

Geraldi chama de texto aquela produção em que o aluno conta algo relevante, como um fato realmente acontecido e que ele julga importante contar, ou como uma história da qual ele realmente goste. Para fazer um texto, é preciso ter claro o que se vai escrever, para quem se está escrevendo e com que objetivo. Mais adiante, você terá outras informações específicas sobre o que é necessário para escrever um texto.

Agora volte para os módulos anteriores e identifique no mínimo três recomendações fundamentais para escrever um texto.

A compreensão da proposta

O autor apresenta, como exemplo de texto, uma produção de aluno que de fato conta uma história, mas que apresenta problemas ortográficos e estruturais. Mesmo avaliando o texto positivamente, Geraldi alerta que este apresenta problemas e que é necessário trabalhar junto à criança para que ela ultrapasse suas dificuldades.

Infelizmente, leituras ligeiras de sua proposta levaram muitos a entender que deveriam aceitar textos com problemas de escrita, sem fazer intervenções, correções e atividades para ajudar o aluno a melhorar. Passou-se a entender que tudo valia, que tudo podia ser aceito no que dizia respeito à produção escrita.

Convém esclarecer que esta compreensão equivocada não foi feita somente sobre esta proposta e nem é de responsabilidade só e diretamente do professor.

Esta leitura ligeira é de fácil identificação. Aqui vão algumas pistas para você saber quando está diante dela. Geralmente, ela é sustentada por frases feitas mal localizadas na história dos estudos das teorias da linguagem. Por exemplo, costuma-se lançar mão de frases oriundas de teorias dos anos 60, ou anteriores, como, “o importante é comunicar”, “o importante é passar a idéia”, “o importante é transmitir a mensagem” ou “o aluno expressou o pensamento”.

Estas máximas, que acabaram se tornando de senso comum, são ditas como se fossem condizentes com as propostas mais recentes para o ensino da Língua Portuguesa.

Só para que você se lembre das orientações dadas nos módulos de redação sobre o uso das palavras dos outros, alguém com um pouco mais de visão sobre as teorias da linguagem não usaria uma frase destas sem remetê-las a um tempo determinado e a alguns autores específicos. Usadas assim, como verdades absolutas, elas comprometem quem as usa, fazendo com que pareça portador de um conhecimento vazio e estereotipado.

REDAÇÃO

Se estou dizendo isso, caro vestibulando, é para que você compreenda um pouco dos caminhos pelos quais passavam as discussões sobre o ensino de língua enquanto você estava em sala estudando. Penso que isso é muito importante para que você perceba como enfrentar o desafio de escrever bem. É importante que você reflita um pouco como foi o seu processo de aprendizado da escrita na escola, para que você entenda melhor se você foi solicitado a produzir texto ou redação, segundo a divisão apresentada por Geraldí, bem como sobre o volume de intervenção que você teve nas suas produções. Acredito que depois de rever toda a sua escolarização e sua relação com o texto escrito, você poderá ser um cidadão em condições de orientar melhor seus irmãos, filhos ou outras pessoas próximas com relação à importância da escrita na sociedade, vinculada ao modo de agir frente ao ensino aprendizagem na escola. Suas orientações poderão ser úteis para as pessoas com quem você convive, para que elas repensem sua atitude perante a aprendizagem da escrita.

Note, no entanto, que para fazer uma redação, você não precisa necessariamente fazer aquela seqüência de frases como a apresentada acima, cujo modelo é a cartilha. É provável que você tenha feito muitas redações, embora tivesse sido solicitado que escrevesse textos.

Vários são os motivos que podem ser apontados para que você tenha feito redações, ou seja, apenas produções de interesse restrito ao contexto da sua sala, ao invés de textos de interesse mais geral, com um maior alcance na sociedade. Pode ser que um dia você não estivesse muito disposto a escrever e a professora tenha solicitado que você escrevesse. Pode ser que você não tenha sido ensinado a perceber a importância da escrita na nossa sociedade e aí você ficava achando que escrever era coisa da cabeça da professora de português.

Nos módulos anteriores, você teve acesso a produções escritas que precisavam de muito trabalho ainda para chegar a ser um texto satisfatório. Mais especificamente, você pode voltar para a página 14 do Módulo 1 e, com o conhecimento do Módulo 4, refazer a hipótese feita como resposta para o item b), da página 15.

Escreva o que você se lembra de seus contatos com a necessidade de escrever na escola.

Escreva o que você se lembra de seus contatos com a necessidade de escrever fora da escola.

Recupere alguma produção escrita que você tenha feito na escola, em qualquer série, e reescreva usando o conhecimento que você tem hoje. Conte por escrito a história desta produção, fale do tema e da diferença entre a visão que você tinha quando escreveu a visão que você tem hoje. Fale também sobre a atitude que você tinha frente à escrita na época e sobre o que mudou até hoje.

Recupere uma produção que você tenha feito já no cursinho, a mais antiga que conseguir, e reescreva. Faça uma lista das alterações que você fez, separando as de ordem formal e as de ordem conceitual e justifique.

Como você avalia as suas produções durante o tempo em que você permaneceu na escola?

Você diria que fez mais redações ou mais textos? Justifique.

Quando foi que você teve oportunidade de escrever um texto realmente?

Antes de chegar à conclusão de que o mundo foi mau com você, pense

REDAÇÃO

também nas atitudes que você tomou até agora diante da necessidade de escrever, e pense nos modos como você mesmo pode ampliar as suas condições de escrita.

Qual o seu grau de responsabilidade no processo de aprendizagem da escrita?

Você costuma fazer revisão de seus textos? Relate o modo como você faz isso.

Você costuma informar-se e definir uma postura própria sobre o que lê?

Quanto da sua produção de textos escritos ou orais representam uma tentativa de articular uma reflexão própria sobre um determinado tema?

Escreva um texto apresentando um livro sobre produção de textos a um estudante de oitava série. Não pode ser livro didático, nem os módulos deste curso. (Sirva-se do conhecimento que você adquiriu ao cumprir uma tarefa parecida, na página 15 do Módulo 1).

Unidade 2

A importância da produção de textos

Vamos começar esta unidade perguntando: o que seria fazer uma redação, e não um texto, quando você estava numa sexta série, por exemplo, ou mesmo já no ensino médio?

Quando você escreve aquelas frases que podem ser ditas por todo mundo, sem marcar uma diferença por parte de quem a diz, sua produção fica mais próxima do que Geraldí chama de redação.

Por isso, nos quatro módulos nós insistimos em propor exercícios para você aprender a evitar o uso destas frases como se elas fossem suas, como se representassem uma tentativa de você demonstrar o que realmente pensa sobre os temas de suas produções.

Pense na contribuição que as frases seguintes podem trazer para um texto: “o mundo poderia ser diferente se todos nós nos uníssemos”; “o que seria do verde se todo mundo gostasse do amarelo?”; “infelizmente, o homem ainda não tem consciência do valor da natureza”.

Reflita também sobre as inúmeras vezes que algumas pessoas, por não terem o que dizer sobre algum assunto, colocam os valores universais e difíceis de questionar no meio de sua redação, tais como *paz* ou *Deus*, quase que “tomando seu santo nome em vão” .

Aproveite e escreva aqui algumas frases que você já ouviu exaustivamente e sabe que é melhor evitar que pareçam suas.

Escreva também um modo de aproveitá-las em seu texto sem assumir sua autoria. Este exercício já foi feito nos módulos anteriores, recupere as informações.

Organizadores

Maria Lúcia V. de Oliveira Andrade

Neide Luzia de Rezende

Valdir Heitor Barzotto

Elaborador

Valdir Heitor Barzotto

Produza também um texto discutindo os modos de fazer uso da palavra de maneira que ela tenha valor social. Pense no que se fala em aula, em reuniões e mesmo nas conversas entre grupos de colegas.

Para evitar ser tragado por uma avalanche de frases gastas, você pode usar como termômetro as notícias veiculadas na mídia e as conversas cotidianas. É por isso que o aluno sempre é orientado para a leitura de jornais e revistas de circulação nacional: o que está sendo veiculado por estes meios acaba sendo absorvido pelo conjunto de leitores e bastante repetido. Um dos exercícios que se deve fazer como preparação para a escrita é verificar o que é que todos os veículos estão repetindo, para depois tomar uma posição sobre o tema a ser desenvolvido em seu texto.

Quem já não falou que os políticos são corruptos? Quem já não falou que os problemas do Brasil são a saúde, a educação e, mais recentemente, a segurança pública? Estas afirmações, que recheiam as notícias de todos os dias, as conversas e os programas eleitorais, são uma espécie de redação, pois, embora não sejam uma devolução para a escola ou para a professora, como dizia Geraldi em *O texto na sala de aula*, é como se fossem arremessadas contra o espelho; elas são ditas para quem já as disse e vão devolver alguma simpatia a quem as repetiu. Eis a redação globalizada.

No prólogo do livro *Política para meu filho*, que você poderá ler para compreender um pouco melhor o papel das instituições na sociedade, entre outras coisas, Fernando Savater coloca uma posição clara sobre o usos de lugares comuns:

“... o culpado por me decidir a escrever para você outra série de sermões, ou chatices, ou como preferir chamá-los, é você mesmo: agora não pode se queixar. Muitas vezes você comentou comigo que quase todos os rapazes da sua idade que você conhece não ligam nem um pouco para os políticos e para a política: acham que é tudo uma enganação, que os políticos são todos ladrões, que mentem até quando dormem e que as pessoas comuns não podem fazer nada para mudar as coisas, porque a última palavra é sempre dos três ou quatro *sabichões* que estão por cima. De modo que mais vale cada um tentar viver da melhor maneira possível e ganhar um bom dinheirinho, porque o resto é conversa fiada e perda de tempo. Essa atitude me deixa um pouco alarmado e também, perdoe-me se lhe digo com franqueza, não me parece muito inteligente.”

Convém ressaltar, porém, que não é só em textos de alunos que se pode verificar as redações no sentido em que estão sendo tratadas aqui. Geralmente, podemos perceber que são muitas as produções orais ou escritas preenchidas com expressões já tornadas ocas de tanto serem repetidas.

Nas próprias discussões sobre o ensino de língua portuguesa, com as quais convivo desde que ingressei no curso de Letras em 1983, temos frases vazias, repetidas em todos os lugares e que já não dizem mais nada, como as que já aponte neste texto: o importante é comunicar, o importante é que o aluno passou a mensagem etc.

Frases como essas representam o entendimento ligeiro de propostas como a de Geraldi, bem como, de modo mais geral, das teorias da linguagem. Elas têm geralmente como resultado uma falta total de trabalho mais efetivo com o texto do aluno. Além disso, se sustentam em concepções de linguagens já

bem discutidas na literatura técnica da área. Além disso, a seu respeito também já foram feitas muitas afirmações que, se por um lado representam uma certa verdade, por outro podem trazer alguma acomodação. Por exemplo, “o adolescente é rebelde porque está com os hormônios à flor da pele”, ou “porque o cérebro dele está passando por uma reorganização”.

Se estas frases são usadas para entender melhor o aluno e adequar as atividades escolares ao seu perfil, ou se você mesmo a partir delas toma mais consciência de si mesmo, pode ser que tenha bons resultados. No entanto, se elas são apenas justificativas para diminuir os esforços na sua formação, os resultados serão insatisfatórios.

Mas não entremos por estes caminhos e voltemos ao fio da nossa conversa.

Para produzir um texto oral ou escrito, portanto, não é necessário que se diga sempre coisas novas. Segundo Geraldi (1991:136):

“A novidade, que pode estar no reaparecimento de velhas formas e de velhos conteúdos, é precisamente o fato de o sujeito *comprometer-se* com sua palavra e de sua *articulação* individual com a formação discursiva de que faz parte, mesmo quando dela não está consciente.”

O que precisa ficar claro é que não é muito produtivo nos sentirmos livres para funcionar no mundo como uma espécie de “boneco de ventríloquo”. É, no mínimo, ético, como já disse, nos comprometermos em produzir algo relevante, em dar uma contribuição firme e madura sobre algum assunto, mesmo que seja retomando o que outros autores já disseram. É isso o que se espera de você no vestibular, mas não apenas porque o vestibular é uma coisa chata, e sim porque no vestibular e em muitos lugares em que a escrita tem importância, espera-se que você demonstre condições e, acima de tudo, interesse em dar uma contribuição um pouco mais genuína do que com a mera repetição daquilo que está na boca de todo mundo.

Esta exigência deve-se ao fato de a Universidade ser um lugar em que se escreve. Um dos pilares da Universidade é a produção do conhecimento por meio de pesquisas. Este conhecimento será posto em circulação, em grande parte, por meio da escrita. Portanto, é difícil imaginar que um cidadão que mal saiba repetir o que já foi exaustivamente repetido vá dar a sua contribuição. Daí a escolha daqueles que não só escrevem bem do ponto de vista da correção, mas do ponto de vista da contribuição sobre um assunto determinado.

Para atender a este princípio, o da produção de conhecimento, é fundamental que você esteja atento à importância da produção de textos.

Para tanto, procure compreender as indicações de João Wanderley Geraldi, presentes no livro *Portos de Passagem*, que complementam as informações apresentadas neste módulo no item “A noção de texto”.

“...para produzir um texto (em qualquer modalidade) é preciso que:

- a) se tenha o que dizer;
- b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;
- c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
- d) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz (ou, na imagem wittgensteiniana, seja um jogador no jogo);
- e) se escolham as estratégias para realizar (a), (b), (c) e (d).” (Geraldi, 1991:137)

Alguns comentários se fazem necessários sobre as indicações acima, embora não se tenha a intenção de esgotar as suas possibilidades de compreensão, uma vez que demandam bastante estudo sobre as teorias da linguagem.

É importante notar, mais uma vez, que ter o que dizer não é a mesma coisa que ter o que todo mundo tem para dizer. É preciso conseguir articular algo seu, defender uma posição que seja resultado de uma reflexão sobre um assunto e que apresente uma contribuição diferente daquelas que já estão em circulação. Geralmente esta contribuição está relacionada à capacidade de crítica de quem escreve, fruto de uma boa reflexão sobre a sociedade e de um conjunto significativo de informações sobre o assunto.

Aqui neste módulo, estamos tematizando o próprio ensino da escrita. Você tem bastante experiência sobre o assunto como aluno. Aqueles alunos que se limitaram, durante toda a sua escolarização, a achar a matéria chata e nunca pararam para refletir sobre sua importância, talvez não tenham muito a dizer sobre o tema. Do mesmo modo, aqueles alunos que seguiram passivamente as orientações recebidas, quaisquer que tenham sido, provavelmente também tenham pouco a dizer, pois para que se tenha o que dizer, é necessária uma atitude mais ativa sobre o conhecimento.

Esse tema, por sua vez, está vinculado a uma compreensão das instituições em geral, que são dotadas de organização própria e em cujo interior muitas das mudanças são processadas e implementadas. Não é diferente com o ensino de Língua Portuguesa. Portanto, se você tem alguma clareza sobre a organização do ensino brasileiro, você terá maior compreensão de seu processo de escolarização.

O tema das instituições esteve muito em evidência nos últimos anos. Você mesmo vivenciou reformas na escola, além de ouvir muito a mídia falar em reforma do judiciário, por exemplo.

Provavelmente, quando você começou a estudar, o sistema de promoção dos alunos era outro e mudou enquanto você estudava. A mudança de nomenclatura de primeiro e segundo graus para ensino fundamental e médio também ocorreu quando você já estudava.

Leia sobre as mudanças na educação básica ocorridas nos últimos 10 anos, elabore um tema de redação do jeito que você imagina ser pertinente a um vestibular, e faça um texto informativo, fornecendo datas, fatos etc.

Quando você escrever sobre um tema que se relaciona a uma instituição, você terá melhores condições de demonstrar sua capacidade de escrever texto – e não redação – quanto mais você for capaz de manifestar uma posição articulada por você mesmo, sobre elas.

Há vários autores que podem ser lidos para compreender melhor o papel das instituições: Savater pode ser um bom começo, Althusser e Foucault são autores que escrevem com bastante profundidade sobre o assunto e exigem bastante esforço para sua compreensão.

Sobre a indicação de leitura destes dois últimos autores, é possível que algumas pessoas digam frases bastante correntes: “um adolescente não tem condições de compreender”, ou ainda uma outra que traz uma discriminação: “os alunos desta classe social, ou da periferia, por não terem incentivo dos pais para a leitura, não têm condições de entender estes livros”. Cabe a você, com sua atitude, reforçar estas afirmações ou trabalhar na compreensão destes livros.

A razão para acatar a segunda indicação do autor, é claro, não pode ser “porque a professora mandou”, “porque é isso o que se diz”, “porque de tanto falarem isso perto de mim eu acho que devo dizer também para ser legal, para ser aceito” ou “porque no vestibular é assim”.

É preciso ter interesse para dizer o que se tem a dizer com um fim bastante claro. Esta razão pode ser a defesa de um ideal, de uma posição política, um desejo de mudar a sociedade, calcado em uma utopia etc.

Lembre-se que a redação de vestibular muitas vezes é exposta no *site* da Universidade e todos podem ler. Portanto, seu público pode ser formado por outros vestibulandos, por pais que querem ter uma noção sobre o assunto para dar orientação a seus filhos, por professores que buscam saber o que foi considerado como texto bom ou texto ruim. Você pode pensar que estas pessoas podem se beneficiar com o que você está dizendo, ou você pode se beneficiar fazendo com que eles de algum modo sejam influenciados pelo que você está dizendo.

Então, nós já estamos refletindo sobre a outra indicação, ou seja, além de ter o que dizer, acrescido de uma razão para dizer, você precisa ter para quem dizer. É necessário que você estabeleça claramente quem é o leitor ou o grupo de leitores a quem você está se dirigindo por meio de seu texto.

Se você vai escrever um texto sobre o cultivo de transgênicos, por exemplo, convém que você defina bem o seu leitor. Pelo menos mentalmente, imagine como ele é, o que ele pensa e o que ele pensa sobre o assunto. Procure estabelecer as diferenças que deve existir entre textos destinados a donas de casa, aos políticos que podem votar leis que regulamentam o cultivo de transgênicos, a adolescente que adoram o McDonalds e passam horas falando sobre quem telefonou para quem, quem ficou com quem, e depois vão repetir as coreografias de seu ídolos de televisão.

Estude sobre transgênicos e escreva quatro versões de um mesmo texto, tendo em vista os três grupos de leitores apontados acima: donas de casa, políticos e adolescentes. Escolha um grupo para fazer o primeiro texto e depois faça versões adaptadas para os outros grupos.

Escreva também uma narrativa em que apareça um diálogo entre um biólogo e um agricultor falando sobre o cultivo de transgênicos. Procure representar adequadamente as falas de cada um.

Quanto às outras duas indicações dadas nos itens d) e f), não nos alonguemos. Ao cumprir as outras indicações, você estará se constituindo como locutor de seu texto, no sentido de que não estará “dizendo por dizer”. Quanto às estratégias para cumprir as indicações, entendemos que você teve algumas orientações no decorrer deste curso.

Ao concluir esta série de quatro módulos, espero que você tenha compreendido o volume de trabalho necessário e, conseqüentemente, de dedicação para se escrever um bom texto.

Agora é com você...

Esperamos que, terminado este módulo, e com este curso, é preciso que tenha ficado claro que, muitas vezes, fazer uma produção oral ou escrita apenas para cumprir uma obrigação, para preencher um espaço vazio, pode ser uma atitude, uma opção. Chega

um momento em que somos adultos e podemos escolher alguns caminhos: falar porque somos providos de aparelho fonador, escrever porque aprendemos a alinhar as frases, ou estabelecer um compromisso ético com a nossa condição de sujeitos e buscar incessantemente condições de apresentar algo novo para dar nossa contribuição à humanidade.

Referências Bibliográficas

- GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1967.
- GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. Cascavel: ASSOESTE, 1974.
- GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- SAVATER, F. *Política para meu filho*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Sobre o autor

Prof. Dr. Valdir Heitor Barzotto

Doutor em Lingüística pela UNICAMP e Professor do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada da Faculdade de Educação da USP nas disciplinas de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, para os cursos de Letras e Pedagogia.

É também professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da FEUSP e do Programa de Pós-graduação em Lingüística e Língua Portuguesa da UNESP de Araraquara. Participa de agremiações científicas na área dos Estudos da Linguagem, entre as quais a Associação Nacional de Pesquisa na Graduação em Letras – ANPGL, da qual é membro fundador e presidente.

Organizou o livro *Estado de Leitura*. Ed. Mercado de Letras/ALB e co-organizou *Mídia, Educação e Leitura*. Ed. Anhembi Morumbi/ALB e *Nas Telas da Mídia*. Ed. Átomo/ALB.

Anotações

Anotações

Anotações

Anotações